

## MATÉRIA E MEMÓRIA

Thamiris Silva Gomes

### RESUMO

Matéria e Memória consiste em reflexões a respeito da trajetória e produção artística realizada durante o curso e para o trabalho de conclusão do curso de Bacharelado em Artes Visuais da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

O trabalho tem como tema as memórias que se entrelaçam na relação matéria/vida. As obras aqui apresentadas foram realizadas a partir das possibilidades plásticas dos materiais, de reflexões acerca de seus potenciais simbólicos nutridos pelos afetos, aprendizados e cultura vivenciados.

Assim, minha obra é atravessada por questões de cura, doença, religião e autocuidado no âmbito pessoal e familiar. Além disso, a reflexão é amparada por artistas, autores e obras que estão em diálogo com esses temas.

**Palavras chaves:** arte contemporânea; matéria; memória; cura; vivência

## Introdução

Este artigo deriva-se de um pensamento que entrelaça questões acerca da matéria e da memória. A questão da memória resulta de minhas vivências e afetos. A matéria, por sua vez, pelas possibilidades plásticas.

Os materiais que mais me interessam são a atadura e os fios de cabelo, sobretudo pela textura, transparência, maleabilidade e flexibilidade. Tal interesse, inicialmente, deu-se pelo potencial matérico, pelas possibilidades físicas. Adiante, percebi que traziam à tona memórias submersas.

A atadura, além de material hospitalar, tem para mim conotação religiosa, relacionada à vivências pessoais, de crença e fé, remetendo às chagas de Cristo. Estando assim, associadas à ideia de curativo, à cura.

Os fios de cabelo, por sua vez, como matéria, despertaram meu interesse quando meu corpo manifestou sinais muito intensos de estresse, passando a sofrer de queda de cabelo.

A artista Fernanda Gomes, se refere aos fios de cabelo deixados pelo corpo em constante transformação como “mapas do tempo”. Essa perda, como exemplo da constante mudança do corpo, evoca o pensamento do filósofo Heráclito de Éfeso, ao dizer “ninguém pode entrar duas vezes no mesmo rio, pois quando nele se entra novamente, não se encontra as mesmas águas, e o próprio ser já se modificou.” (MESQUITA, 2020). Há então, uma resignificação dessa perda diária, a perda capilar, pois se torna manifestação natural da existência.

O presente trabalho relaciona-se com o Cristianismo, da forma com que se apresenta atualmente, em algumas vertentes institucionais, em uma relação de estranhamento entre a igreja e a arte contemporânea. Porém revela em si, a proximidade com as reflexões cristãs mais primitivas, pois quando remetem à religião, sempre se referem ao martírio e à ressurreição de Cristo.

Há ainda na pesquisa, um interesse constante pelo que há na relação “doença/cura”, não como uma manifestação do adoecer, nem como celebração do curar, mas na vivência do processo entre diagnósticos, tratamentos e curas no âmbito pessoal e familiar. Assim, o mergulho no processo artístico provoca uma reflexão sobre a minha própria existência, em um processo de autoconhecimento.

## 1. Doença e cura

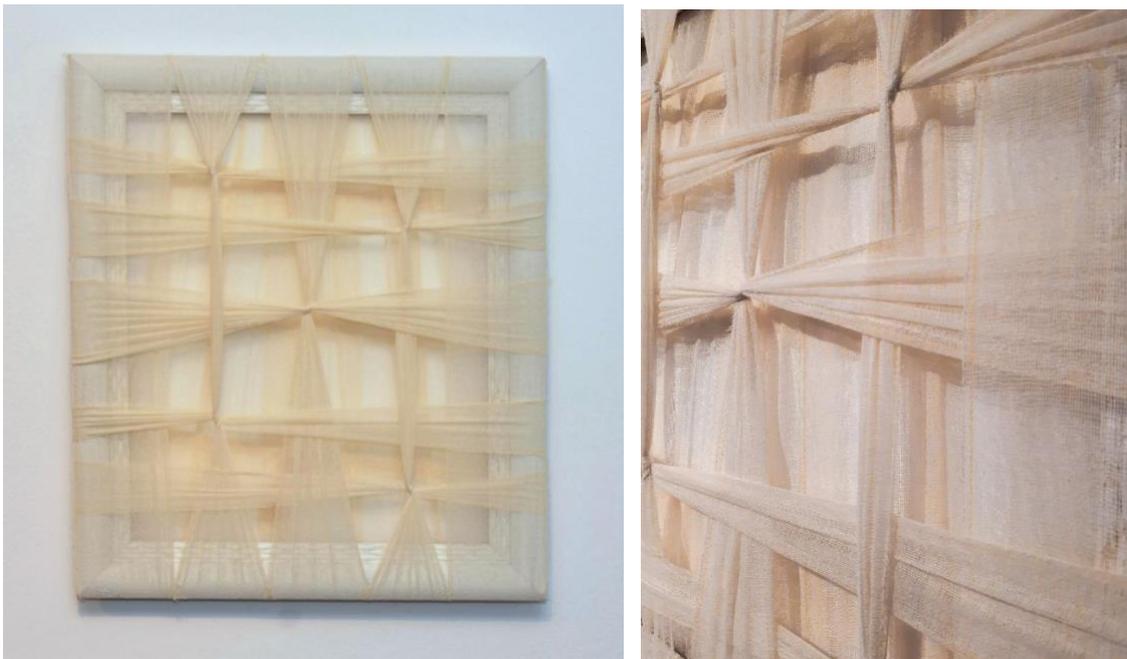
Desde o início de minha trajetória como artista, mantive um repertório de materiais de interesse que, ao longo do tempo, adquiriram um potencial simbólico, acerca das minhas vivências ligadas à saúde, ao feminino e à espiritualidade, como por exemplo, as ataduras.

Desse modo, o artista Joseph Beuys se tornou referência, pois as matérias empregadas em seus trabalhos possuem forte carga simbólica, associadas à sua biografia. O artista relata acerca de sua experiência na guerra, quando o avião em que estava caiu em uma região da Crimeia, tendo o piloto morrido e ele ficado gravemente ferido. Então, cuidado por uma comunidade tártara que salvou sua vida ao cobri-lo com feltro e gordura para aquecê-lo, adiante passou a considerar estes materiais parte de sua poética.

Enquanto Beuys partiu de sua experiência pessoal para uma busca consciente dos materiais a serem usados seus trabalhos, em meu caso, as escolhas não foram conscientes. A noção de espiritualidade do artista influenciou o seu imaginário, assim como minha vivência religiosa familiar. A mitologia pessoal como uma motivação artística me aproxima das suas teorias e obras.

Em meu trabalho *Pisaduras*, que tem como elemento principal as ataduras, o título remete às chagas de Cristo. Na Bíblia, lemos: “o castigo que nos traz a paz estava sobre ele, e pelas suas pisaduras fomos sarados.” (BÍBLIA, Isaías, 53:1).

Esse material hospitalar, uma espécie de tecido muito flexível e transparente, utilizado em curativos, estivera presente em minha vida durante as quatro vezes em que quebrei os braços durante a infância, como uma lembrança familiar, leve e sem maiores sofrimentos, por este motivo, remetendo a uma infância divertida; porém as ataduras também se fizeram presentes durante a adolescência, devido a um problema na coluna, que implicava em muitos curativos, desta vez, com uma lembrança mais árdua, com grande aflição emocional, na qual a crença e a fé foram de grande amparo para mim.



Figuras 1 e 2. Thamiris Gomes. *Pisaduras*, 2018. 65x75cm

Após certo tempo trabalhando com as ataduras, em 2021, meu corpo manifestou sinais de estresse intenso, que resultou em uma queda capilar. Passei então a me interessar pelos fios de cabelo como matéria.

Na *Série Emaranhados*, encontra-se uma espécie de caça-palavras, feitas pelos fios de cabelo que caíram nos dias de maior tensão, contendo palavras que expressam sentimentos provindos da situação daquele momento. Tal bagunça sobre a tela revela uma confusão mental, pensamentos não dominados, mas através da obra, elabora-se um caminho de cura, a começar pelo manusear dos fios que caíam, partindo da reflexão de Beuys, que considerava a escultura “um caminho para provocar pensamentos” (ROSENTHAL, 2011, p. 119). Os fios de cabelo apresentam-se com certa transparência e delicadeza. Ao enxergar as palavras semiocultas, dificilmente torna-se a perdê-las de vista.

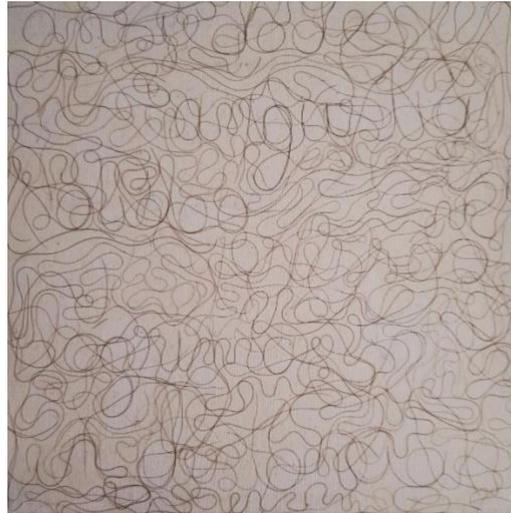
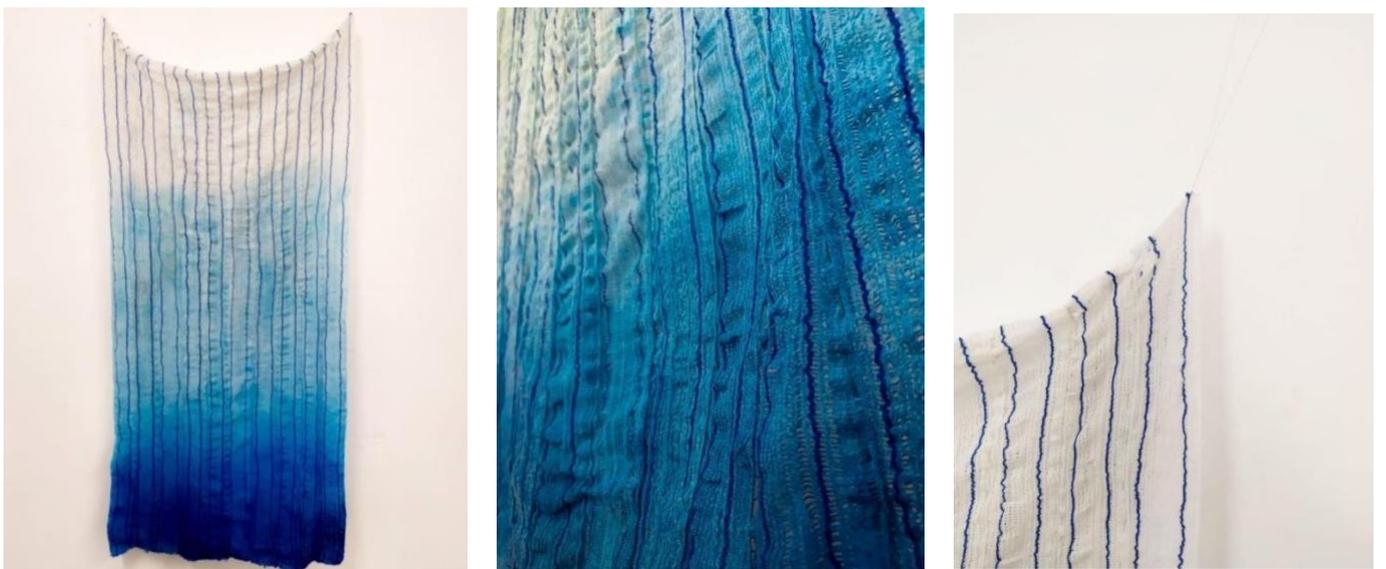


Figura 3. Thamiris Gomes. *Série Emaranhados*, 2021. Detalhe. 75x75cm

No trabalho *Paisagem*, o ato de costurar as ataduras à mão era como tecer todas as significações que havia adquirido até então, como a cura, a fé, as dores, os ciclos e formar uma superfície para outras possibilidades plásticas, como a imersão do tecido formado em tinta azul, rementendo, para mim, à um momento de paz, e percebendo assim a regeneração do pensamento afligido anteriormente, não sendo eu mais a mesma de anteriormente, renovada através das vivências e do pensamento criativo, os mesmos materiais tampouco são “o mesmo rio” (MESQUITA,2020).



Figuras 4, 5 e 6. Thamiris Gomes. *Paisagem*, 2019. 120x60cm

A minha criação parte das possibilidades plásticas dos materiais. Porém os fios de cabelo carregam em si uma carga simbólica intensa e ampla. O cabelo pode representar força, virtude e personalidade, além de conotações religiosas. O ato de cortar os fios pode significar um rito, um ato de fé ou pecaminoso, ou, ainda, um sacrifício. Em alguns povos, considera-se que os cabelos, e até mesmo as unhas, continuam ligados ao indivíduo, não devendo ser jogados fora.

Em razão disto, em um segmento atual do cristianismo, o neopentecostalismo, considera-se algumas práticas com o cabelo uma espécie de esoterismo pagão. Em meu meio, ouvi pessoas relacionando os trabalhos artísticos que envolviam fios de cabelos com paganismo e bruxaria. Porém, paralelamente, a própria religiosidade neopentecostal ignora que há práticas bíblicas esotéricas com os fios de cabelo, por exemplo, o voto de nazireu, que seria uma devoção especial a Deus, envolvendo sacrifícios, como não cortar o cabelo de nenhuma maneira, abster-se de vinho, bebidas fermentadas, a uva e o suco, além de não poder se aproximar de nenhum cadáver. Ao término do voto era necessário raspar a cabeça e queimá-lo no templo (BÍBLIA, Nm, 6:1-21). Por exemplo, um mito de grande importância no imaginário popular em relação a cabelos é Sansão, um homem que tinha o voto de nazireu vitalício.

Durante a fase da minha vida na qual enfrentei problemas na coluna, os mesmos que implicaram em inúmeros curativos com ataduras, ao longo de dois anos, vivi o voto de nazireu, numa fase especial, de enorme conexão com meu interior e espiritualidade. Neste o voto não cortei meus cabelos e cumpri os requisitos. E a prática, mesmo sendo também esotérica, não era condenada no contexto neopentecostal do cristianismo. Hoje, os mesmos fios de cabelo que consagrei em devoção no nazireado são os que agregam uma aparência esotérica, dita pagã, ao meu trabalho.

Dentre as frases mais marcantes de Beuys está *“Tornai os segredos produtivos”*. Abordar as minhas vivências com ataduras e com a queda intensificada dos meus fios de cabelo, além das questões religiosas é trazer à tona “segredos” que agora se tornam produtivos ao esclarecer questões que soavam como insegurança em motivação artística e elaboração pessoal, ou mesmo como no relato de Beuys, que não aparece somente como mito para ensinar a respeito da guerra, mas quem sabe também a respeito da cura, expiando suas culpas de guerra.

Ao visitar esses assuntos através do fazer artístico, percebo que já não é mais o mesmo corpo que viveu as memórias desde as fraturas dos braços na infância, passando pelos curativos na coluna, até o corpo que perdeu fios de cabelo devido ao estresse; tampouco esses materiais ou resíduos são mesmo rio que mergulho.

## 2. Matéria e vida

Investigar as minhas motivações artísticas, envolve também motivações pessoais, além de estéticas e culturais. Nesta perspectiva, trabalhar com um material hospitalar, as ataduras, e também com os fios de cabelo que caíram em decorrência de uma vivência difícil, remete às emblemáticas obras de Nazareth.

Sua obra evoca o corpo de diferentes maneiras. O ponto de partida da artista são questões pessoais, como a doença congênita com a qual nasceu, fazendo-a passar por intervenções cirúrgicas e estéticas. Assim, ela utiliza elementos cortantes e pontiagudos criando objetos, como por exemplo vestidos e colares, dando uma aparência semelhante a objetos de tortura, devido à materialidade hostil. Entre as obras mais conhecidas estão os vestidos de gilete (*Sem título*, 1997-1998), formados a partir de elementos hospitalares, como lâminas de bisturi, agulhas e lancetas. Assim, remete ao corpo como receptáculo de experiências ou como um corpo aprisionado.



Figura 7. Nazareth Pacheco, *Sem título*, 1997. Vestido de Cristais, miçangas e lâminas de barbear. 130 x 40 x 4 cm. Fonte: Museu de Arte Moderna de São Paulo. / PEREIRA, 2012

Observo no meu trabalho, semelhanças com a obra de Nazareth Pacheco, que em uma entrevista (PEREIRA, 2012, p.4), relata que suas obras são “a tentativa de lidar com coisas que ainda não havia exorcizado em relação ao seu próprio corpo”. Também, de maneira inconsciente, comecei a produzir com as ataduras e fios de cabelo, na tentativa de exteriorizar a confusão e dor mental que passaram a afetar meu corpo de forma física trazendo questões do corpo e da memória afetiva e cultural. O corpo passa a ser o lugar por meio do qual investiga-se e elabora-se sobre a consciência e a memória, manifestando suas questões por meio das linguagens e matérias e revelando as experiências vivenciais. Seu potencial simbólico emana da minha memória familiar e do meio sociocultural em que estive inserida, o que diz a geneticista Cecília Almeida Salles: “o ambiente no qual aquele processo está inserido e que naturalmente, o nutre [...] forja algumas de suas características” (PEREIRA, 2012b, p. 284). Quando eu tinha dez anos, a minha família converteu-se ao protestantismo e, aos poucos, percebi mudanças de hábito em todos do núcleo familiar, tais mudanças vieram a me afetar, de modo diverso, ao longo do tempo.

A obra de Nazareth Pacheco possui uma feição catártica, com a qual me identifico, ao libertar pensamentos e emoções reprimidos, elaborando-os para torná-los uma questão ampla a ser compartilhada. Nesse sentido, me espelho na artista ao transcender sua história pessoal para uma existência como mulher, artista e indivíduo.

Através dos fios de cabelo, ampliei minhas experiências a outros indivíduos que, fragilizados emocionalmente, estressados ou angustiados, sofrem de uma queda capilar excessiva. Ainda na questão das palavras encontradas na obra, fala-se de sentimentos que acometem a muitos, podendo levar à somatização de doenças emocionais. Os trabalhos com os fios, iniciados no ano de 2021, podem ainda remeter à uma sequela da pandemia do COVID-19, sendo esta a própria queda capilar excessiva, além da angústia e estresse devido ao afastamento social necessário, causando desestabilidade emocional que pode também acentuar a perda dos fios.

Um ponto em comum com a obra de Nazareth Pacheco é o corpo como elemento propulsor, de caráter intimista, autobiográfico, não ilustrando fatos ocorridos, mas revelando elementos e vivências que formam o conjunto de quem o artista é. E elaborar a respeito dessas coisas é, para mim, tornar “os segredos produtivos”.

A medida com que os fios caíam, comecei a elaborar um trabalho. Em uma tela de pintura coleí um emaranhado de fios de cabelo que escondem, como num jogo de

caça-palavras, palavras que dizem respeito às causas emocionais da queda. A obra provoca o observador, através do estranhamento, deixando com que algumas letras apareçam através dos fios que encobrem as palavras, despertando a curiosidade de descobrir o que está escrito por ali. Colar os fios de cabelo tendo uma tela de pintura como suporte, na *Série Emaranhados*, evidencia um desejo de uma dominação formal, tanto da matéria como das palavras descritas.

### 3. Conclusão

Trabalhar com as ataduras e os fios de cabelo, revelaram questionamentos que não eram feitos abertamente. As palavras escritas com os fios sobre a tela são palavras que me incomodavam, que eu não conseguia pronunciar e tornar explícito.

Toda essa reflexão me levou também a pensar essa relação com a religiosidade, questão que eu não havia ainda tornado consciente. Usar estes fios de cabelo para a arte é uma investigação de caminhos percorridos em minha consciência e memória e revelam uma elaboração a respeito da cura, uma reflexão acerca da identidade e do quanto as vivências agregam no potencial simbólico destes como matéria, os quais ainda restam muitos caminhos a serem descobertos e lembrados.

Considero assim, a reflexão o ponto central do meu trabalho, relacionando de forma direta questões acerca da memória e da matéria.

### 4. Bibliografia

ANTOINE, Jean-Philippe. “Eu não trabalho com símbolos.” Joseph Beuys, a experiência e a construção da lembrança. *Arte & Ensaios*, v. 19, n. 19, p. 168-181, 2010.

BÍBLIA, Português. A Bíblia Sagrada: Antigo e Novo Testamento. Tradução de João Ferreira de Almeida. Edição rev. e atualizada no Brasil. Brasília: Sociedade Bíblia do Brasil, 1969.

FERNANDA Gomes. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira. São Paulo: Itaú Cultural, 2022. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa10670/fernanda-gomes>. Acesso em: 14 de fevereiro de 2022.

MESQUITA, Diego. Não seremos os mesmos. *Revista Cult*, 2020. Disponível em < <https://revistacult.uol.com.br/home/nao-seremos-os-mesmos/> >. Acesso em: 20 mar. 2022.

ROSENTHAL, Dália. Joseph Beuys: o elemento material como agente social. *ARS* (São Paulo), v. 9, p. 110-133, 2011. Disponível em < <https://www.scielo.br/j/ars/a/QGnwCXSXLXGWYT3n5dj83qH/abstract/?lang=pt> >. Acesso em: 21 fev. 2022.